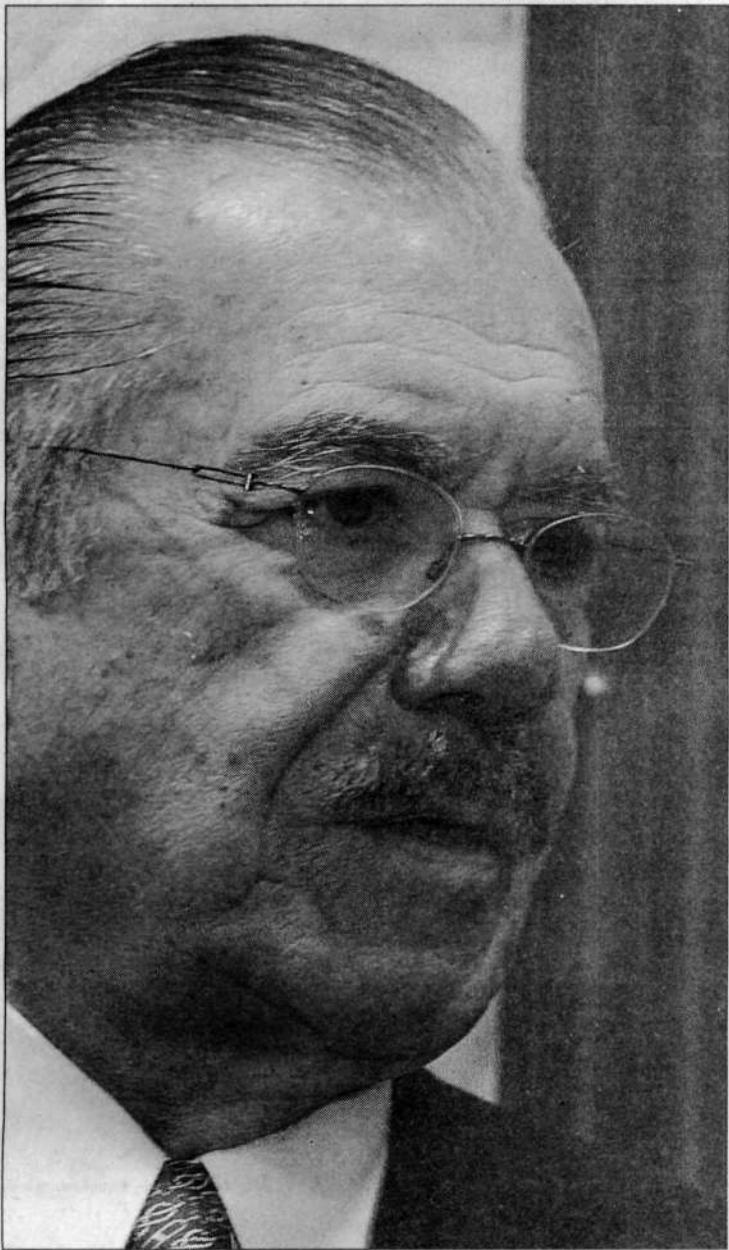


O mesmo destino, a mesma mágoa

José Sarney e João Paulo juram amor a Lula, mas, derrotados na luta pela reeleição, sobem o tom das críticas

Ailton de Freitas/26-5-2004



SARNEY: "Muita coisa podia ser feita (pelo governo) e não caminhou bem"

O GLOBO: A reeleição é assunto encerrado?

JOSÉ SARNEY: Esse foi um assunto que caminhou na Câmara e é claro que o acompanhei. Mas não é nesta altura da vida que eu vou fazer guerra para ser reeleito presidente do Senado, cargo que já ocupei por duas vezes, e onde julgo ter feito transformações importantes no funcionamento da Casa e melhoria dos seus trabalhos.

• *Mas o presidente, ao lavar as mãos na disputa, parece não achar o senhor tão necessário quanto se diz para a tranquilidade do governo no Congresso?*

SARNEY: Essa história de minha influência e força no governo foi coisa montada para criar ciúmes em algumas áreas do PT. E parece que deu certo. Nunca avancei o sinal um milímetro, senão ajudando e colaborando na área em que estou: o Legislativo.

• *Quer dizer que o senhor nunca deu conselhos ao governo?*

SARNEY: Conselho e água benta só se dá a quem pede. Nunca eles foram além das questões afetas ao Congresso. Ninguém melhor que o presidente Lula sabe disso.

• *O senhor concorda com tudo que o governo está fazendo?*

SARNEY: Só quem governa sabe os motivos de suas decisões. Sempre se acha que está dando a melhor solução. Muitas vezes ela não é, mas só se sabe depois que passou. O presidente tem tido a minha solidariedade. É meu dever de amigo e de aliado.

• *Mas dizem que o senhor está meio desencantado...*

SARNEY: Apoiei Lula porque acho que ele representa um momento importante da História brasileira. Sua vida, sua biografia, sua vitória são um patrimônio nacional. Os dois primeiros anos de governo são sempre difíceis. É tempo de ganhar experiência e vivên-

cia. Não estou entre os pessimistas. O governo de Lula vai ter sucesso. Os números já começaram a mudar.

• *Mas Lula é acusado de ter traído o seu programa de campanha...*

SARNEY: Campanha é campanha. Governar com a realidade não tem nada de traição. O objetivo central de seus compromissos estão íntegros. Na política econômica, ele não tinha opção. O mundo financeiro globalizado não lhe deu outra saída. Mas muita coisa podia ser feita e não caminhou bem.

• *Exemplo?*

SARNEY: Primeiro emprego, desemprego, renda e um certo excesso de projetos e prioridades. Há a sentença de Montesquieu: muitas leis, nenhuma lei. Por outro lado a coordenação política, que começou bem, parece ter problemas.

• *E a equipe do presidente?*

SARNEY: Tem que pagar o preço da aprendizagem. Há muitas divisões internas. O fogo amigo é o pior inimigo.

• *Que conselho o senhor daria a Lula?*

SARNEY: Ter espinho nos ouvidos para que as coisas não entrem de uma vez só. Fiquem espertadas, esperando avaliação. As coisas boas deixar entrar, as ruins jogar fora.

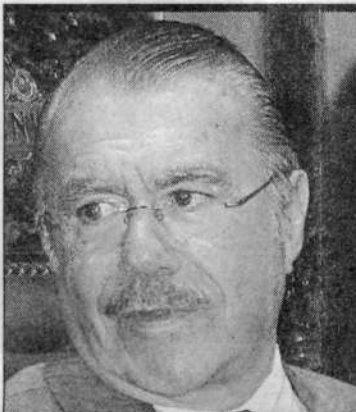
• *Foi o advogado Almeida Castro, o Kakay, ou José Dirceu quem o aproximou de Lula?*

SARNEY: Sempre conheci o Lula e nos respeitamos, mesmo como adversários. Sempre tive admiração pela sua vida e liderança. Como intelectual, os personagens me fascinam. Mas minha aproximação foi feita pelo José Dirceu, que dezenas de vezes esteve em minha casa. Tenho muita admiração por ele, que tem também uma brilhante biografia. Do jovem estudante até o líder vitorioso de hoje, com passagens de sofrimento, idealismo e coragem. Acho que

Jorge Bastos Moreno

• A conjuntura política os deixa na curiosa condição de irmãos siameses: o destino de um está atrelado ao do outro, pelo menos em relação aos cargos para os quais sonhavam ser reeleitos. Os presidentes da Câmara, João Paulo Cunha (PT-SP), e do Senado, José Sarney (PMDB-AP), em entrevista ao GLOBO, tentam disfarçar a mágoa: elogiam o presidente Lula, fazem juras de amor aos que os traíram na votação da reeleição das mesas, mas acabam fazendo fortes críticas à articulação política do governo e à gestão do ministro Antonio Palocci no comando da política econômica. Sarney, com a sua formação marcadamente udenista, e João Paulo, egresso do operariado petista, coincidem não só nos pontos de vista, mas também no estilo pessedista de criticar o governo.

O primeiro, por exemplo, denuncia a falta de credibilidade do governo para atrair investimentos e, conseqüentemente, promover o desenvolvimento, como se estivesse defendendo a própria política econômica que esconjura. E João Paulo, por sua vez, destaca o distanciamento do PT do seu programa de governo, como se isso fosse o novo dogma do partido. Seriam duas entrevistas para se ler nas entrelinhas, não tivessem os entrevistados, em algumas respostas, destilados abertamente suas críticas ao governo.



ENTREVISTA

José Sarney

não tiveram com ele a paciência que muitas vezes presenciei no Brasil com outras figuras sem a sua bagagem. Afinal, ele apenas teve a infelicidade de um amigo desqualificado.

• *O senhor está otimista com o Brasil?*

SARNEY: Nada impede o Brasil de tornar-se um país com grande peso mundial. Já somos, vamos ser mais. Nosso desafio é voltar a crescer. Para crescer temos que investir. Para investir temos de gerar confiança. As limitações são grandes. O acordo com o FMI precisa ter suas regras de contabilidade revistas.

• *Qual seu maior defeito?*

SARNEY: Tenho tantos que é impossível escolher um. Roseana diz que é ser tolerante demais no conciliar.

• *E a sua maior ambição?*

SARNEY: Hoje, morar em Píndaro e pescar bagrinho.

• *O que o senhor deseja de melhor para este ano?*

SARNEY: Que o Bush perca a eleição. Será bom para a Humanidade.

• *E os juros?*

SARNEY: Como toda gente, quero e espero que baixe.

• *E o salário-mínimo?*

SARNEY: O mínimo foi criado para assegurar a sobrevivência do cidadão. Hoje é moeda de indexação. Isso complica as coisas. (J.B.M.)



ENTREVISTA

João Paulo Cunha

O GLOBO: O senhor está magoado com o presidente Lula?

JOÃO PAULO CUNHA: O presidente Lula sabe que tem em mim um companheiro, um amigo, um parceiro, preocupado com o governo, com o presidente, que sempre terá aqui um grande amigo, para as horas fáceis e difíceis. Então, não estou magoado, sei das minhas responsabilidades. Vamos tocar pra frente.

• *E com Aldo Rebelo e Eunício Oliveira, que teriam atuado contra a reeleição?*

JOÃO PAULO: Também não. Com o ministro Aldo e o ministro Eunício constitui uma grande identidade e intimidade de boa em 2003 e eles seguem tendo em mim um amigo de todas as horas, um parlamentar empenhado em apoiar suas lutas e em defendê-los.

• *Mas eles o abandonaram...*

JOÃO PAULO: Eles são meus amigos e não darei confiança a fuxicos.

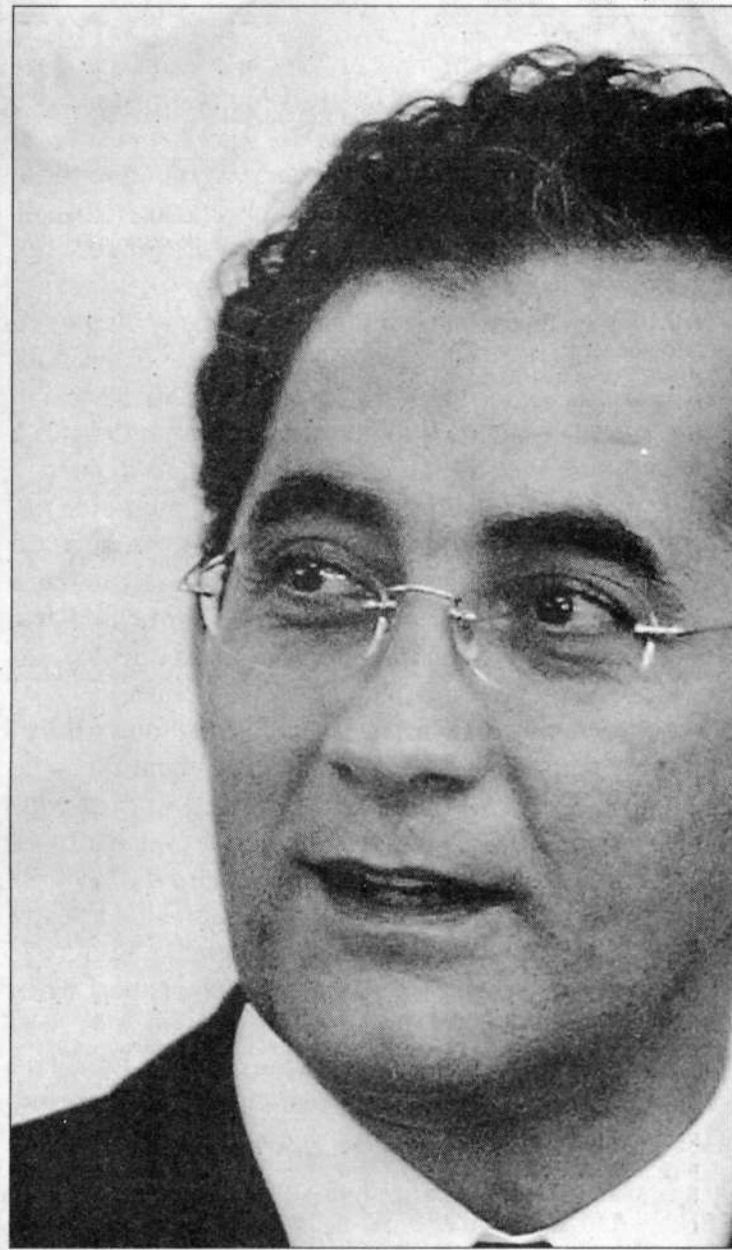
• *O senhor vai se vingar da derrota da emenda da reeleição?*

JOÃO PAULO: Não sou de guardar rancor, inclusive porque traz problemas de saúde, problemas na alma.

• *A articulação política do governo vai bem?*

JOÃO PAULO: Tenho visto sinais de desarticulação. Não é grave, mas pode piorar.

• *O senhor tem criticado o sa-*



JOÃO PAULO Cunha: "Acho que o governo está meio desaprimado"

lário-mínimo, dizendo que o governo tem de explicar por que os R\$ 260, e também está querendo votar o Imposto de Renda sobre o qual o ministro Palocci já disse que não pode abrir mão da arrecadação. Já não é bater de frente com o governo?

JOÃO PAULO: Claro que não! Na questão do Imposto de Renda, estou fazendo o combinado com o ministro Palocci, mas tenho convicção de que o governo pode e deve fazer um reajuste para sinalizar aos trabalhadores que estão pagando Imposto de Renda, e pagando alto. Além disso, reajustar a tabela significa pôr mais dinheiro na economia brasileira, no consumo. Segunda coisa: o que estou falando é o óbvio. Claro que vou apoiar o presidente, e ele não precisa ter dúvidas: na Câmara dos Deputados vai ser aprovada a MP do salário de R\$ 260. Agora, não basta aprovar, tem que dar argumentos aos nossos deputados, tem que apresentar um projeto de recuperação do salário-mínimo, para que eles, como defensores do nosso governo, nas suas bases, tenham segurança daquilo que eles vão falar.

• *Mas desde que o senhor assumiu a presidência da Câmara faz críticas ao governo. O senhor vai continuar fazendo essas críticas sem medo de sofrer um revés do palácio?*

JOÃO PAULO: Sempre que for preciso fazer uma crítica eu vou fazer. Tanto como presidente da Câmara quanto como deputado federal do PT. A crítica é importante porque ajuda a gente a consertar os rumos, buscar novos caminhos. Então eu tenho a impressão de que não é problema.

• *Mas eles o abandonaram...*

JOÃO PAULO: Eles são meus amigos e não darei confiança a fuxicos.

• *Mas desde que o senhor assumiu a presidência da Câmara faz críticas ao governo. O senhor vai continuar fazendo essas críticas sem medo de sofrer um revés do palácio?*

JOÃO PAULO: Sempre que for preciso fazer uma crítica eu vou fazer. Tanto como presidente da Câmara quanto como deputado federal do PT. A crítica é importante porque ajuda a gente a consertar os rumos, buscar novos caminhos. Então eu tenho a impressão de que não é problema.

• *E o governo está no rumo certo?*

JOÃO PAULO: Acho que o governo está meio desaprimado. A gestão econômica é bem-sucedida mas talvez não o suficiente para fazer a transição do atual estágio de subdesenvolvimento e concentração de renda para um patamar mais desen-

volvido. Do meu ponto de vista, só acontecerá se o Brasil apostar no mercado interno, no crescimento da indústria nacional, na ampliação da classe média e em mecanismos de distribuição de renda que nos tornem uma nação mais justa. Não estou vendendo neste momento o governo empenhado em defender essas teses, que são históricas do PT.

• *Então o senhor é contra a política econômica?*

JOÃO PAULO: Defendo a atual política econômica, tenho grande apreço pelo ministro Palocci, que é um grande amigo meu, mas o governo precisa ter um projeto para o dia seguinte, para aquele momento em que se verificar que a rigidez fiscal e os juros altos cumpriram seu papel. Quando essa hora chegar, vamos fazer o quê? Temos de ter esse projeto. Além disso, precisamos dar certo, o nosso governo precisa dar certo, não podemos decepcionar nosso eleitorado, e não podemos desconhecer a grande massa de desempregados e de famílias que estão tendo arrocho nas suas rendas. Isso tem de ser a razão pra gente lutar para mudar o Brasil. Então, eu apóio, estou com o ministro, estou com o governo, mas acho que precisamos retomar o prumo.

• *Por que eles ainda não consertaram? Só o senhor enxerga que está no rumo errado?*

JOÃO PAULO: Não, claro que a minha impressão é que todos eles querem acertar e consertar o rumo. Talvez o tempo da gente seja diferente. Acho que é preciso acelerar um pouco mais.

• *O senhor falou como presidente da Câmara e deputado federal. Já jogou a toalha, não espera nenhum cargo no governo quando terminar o mandato?*

JOÃO PAULO: Eu estou falando neste momento. Neste momento sou presidente da Câmara e deputado federal e espero exercer esta função até o último dia e exercer bem. (J.B.M.)